

Ministra britânica quer globalização na saúde

Assis Moreira
de Genebra

saúde

A ministra de Desenvolvimento da Grã-Bretanha, Clara Short, lançou um pacote de sugestões, ontem, em Genebra, para "utilizar a globalização para produzir novos medicamentos e novas vacinas" baratas para as populações pobres do planeta.

Primeira a falar de "rodada de desenvolvimento" como novo enfoque numa futura negociação global na Organização Mundial de Comércio (OMC), a ministra alertou que se deve agir com urgência "porque estamos perdendo a opinião pública".

Recentes manifestações de rua têm apontado o Acordo de Proteção da Propriedade Intelectual (Trips, sigla em inglês) da OMC como o mais importante obstáculo ao acesso aos medicamentos nos países em desenvolvimento, o que na visão da ministra "não é o caso".

O Acordo de Proteção da Propriedade Intelectual estabelece que os países membros devem proteger as patentes de produtos ou procedimentos farmacêuticos por no mínimo 20 anos. Um estudo da Organização Mundial da Saúde (OMS) não hesita em falar de "normas inspiradas das nações industrializadas e nem sempre adaptadas ao nível de desenvolvimento dos países".

Clara Short argumenta, porém, que o desenvolvimento de um novo medicamento ou vacina custa pelo menos US\$ 350 milhões e, se não houver um sistema de patente para assegurar o retorno dos custos gastos com a pesquisa, as necessidades dos países mais pobres continuarão sendo ignoradas.

As pesquisas farmacêuticas se concentram em doenças que afetam

o mundo industrializado. Somente 10% dos fundos de pesquisas globais são destinados a 90% das doenças que atingem os mais pobres. Mesmo a indústria farmacêutica da Índia, que está investindo pesadamente em pesquisa e desenvolvimento, prepara remédios para vender no mundo industrializado, baseando suas decisões em julgamentos econômicos.

O desafio político para gerir a globalização exige assim uma resposta mundial à questão saúde-desenvolvimento. Nesse contexto, a ministra britânica lista uma série de sugestões. Uma delas é a criação de um mecanismo de preços "equitativos e variados" para reduzir o custo de novos medicamentos. A indústria venderia os remédios nos países pobres a preços próximos do custo de produção, compensando com preços mais caros no mundo rico para recuperar os gastos com pesquisa.

Outro mecanismo é um fundo global para compra de vacinas, pelo qual os doadores e governos se comprometeriam (legally binding) a comprá-las a um preço garantido, quando desenvolvidas. Clara Short defende ampliar a duração das patentes para novos remédios para combater "doenças da miséria" como malária (que mata um milhão de pessoas por ano) e tuberculose (que mata dois milhões).

Os países em desenvolvimento, por sua vez, "podem e devem fazer mais", diminuindo taxas de importação, barreiras comerciais e restrições aduaneiras que quadruplicam o custo de remédios essenciais.

Clara Short insistiu que seu pacote de propostas não se perderá no terreno da retórica. ■